

Formação Continuada de Educadores: O Projeto Educação Sem Homofobia

Continued Formation for Educators: The Project Education Without Homophobia

Igor Monteiro

Mestrando em Psicologia no PPGPSI/UFMG e integrante do NUH/UFMG

Leonardo Tolentino Lima Rocha

Mestre em Psicologia pela UFMG e integrante do NUH/UFMG

Marco Aurelio Maximo Prado

Professor adjunto do PPGPSI da UFMG e coordenador do NUH/UFMG

Breve histórico e objetivos

O Núcleo de Direitos Humanos e Cidadania LGBT¹ da Universidade Federal de Minas Gerais (NUH/UFMG) é um núcleo interdisciplinar vinculado à Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas (Fafich). Foi criado por meio de convênio com a Secretaria Especial de Direitos Humanos da Presidência da República para desenvolver atividades de pesquisa, ensino e extensão pautando temas relacionados à diversidade sexual, gênero e homofobia. No campo da educação, iniciou suas atividades em meados de 2007, quando a equipe coordenadora foi convidada para participar do comitê de organização do “I Seminário Sobre Orientação Sexual e Identidade de Gênero: Educando para a Diferença”, um evento idealizado pelas secretarias municipais de educação de Belo Horizonte e Contagem.

O seminário tinha como público-alvo a equipe de gestores e gestoras das respectivas redes municipais de ensino. Como convidados, participaram do evento grupos dos movimentos sociais LGBTs, pesquisadores e pesquisadoras

¹ LGBT – Sigla que faz referência a Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais.

de diversas universidades, além de integrantes da gestão pública que desenvolviam ações de enfrentamento à homofobia em cidades fora da região metropolitana de Belo Horizonte.

A partir da realização do seminário, constatou-se a urgência de se discutir, de maneira mais abrangente, o enfrentamento à homofobia, o respeito e a promoção da diversidade sexual no âmbito dos processos educativos. Em consequência, foi organizado um grupo de trabalho, responsável por sistematizar e propor ações nas redes de ensino. Essa foi a semente do Projeto Educação sem Homofobia (ESH).

O grupo de trabalho foi coordenado pelo NUH/UFMG e composto por representantes do poder público e dos movimentos sociais LGBTs. Essa coalizão entre movimentos sociais, universidade e gestão pública teve como objetivo principal mapear e construir uma rede a partir da mobilização de diversos setores em um processo de pensar, planejar e executar ações voltadas para a garantia do respeito aos direitos humanos de LGBT no ambiente escolar.

Partindo de um primeiro 'diagnóstico' da homofobia nas escolas, produzido pelas prefeituras de Belo Horizonte e Contagem, das experiências dos grupos do movimento social LGBT e das pesquisas acadêmicas desenvolvidas no NUH, definiu-se, como prioridade, a execução de um curso de formação continuada de educadores/as. A partir desse mapeamento inicial, discutiram-se os temas a serem abordados; o referencial teórico de cada tema; os modos como cada temática deveria ser trabalhada e, por fim, procurou-se construir uma metodologia para o curso de formação de maneira a estimular não somente o contato com produções acadêmicas, mas, levando em consideração os conhecimentos e práticas dos movimentos sociais, buscou-se fomentar, em diálogo com os/as cursistas, a construção de ações para o enfrentamento à homofobia nas escolas. Nesse sentido, era uma metodologia que visava o aporte teórico sem desconsiderar a importância da intervenção social.

De modo geral, pode-se dizer que o objetivo do curso era questionar práticas, posturas, princípios e valores presentes no ambiente escolar que reproduzem e legitimam as hierarquias sexuais. Buscava-se questionar a

naturalização da norma heterossexual e mostrar como essa experiência, tomada como conduta obrigatória e compulsória, invisibiliza e inviabiliza outras possibilidades de experiências e manifestação das sexualidades e de posições de gênero.

A partir do debate em torno das categorias de gênero e sexualidade, o projeto ESH objetivava fomentar as ações de profissionais da educação no enfrentamento à homofobia em seus respectivos campos de atuação. Buscava-se, deste modo, fortalecer a noção de que a comunidade escolar pode ir além das transmissões de conteúdo e do controle dos corpos, ela também pode ser, efetivamente, um espaço de reconhecimento, análise e intervenção nos desiguais e violentos padrões heteronormativos.

Edições do projeto

Financiada pela Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade e Inclusão (Secadi), a primeira edição do ESH aconteceu durante os anos de 2008 e 2009. Tratava-se de um curso de formação continuada de educadores e educadoras, com carga horária de 60 horas presenciais e 20 horas de atividades vivenciais.

Ao mesclar encontros em salas de aula e atividades extraclasse, a proposta era de, na realização da formação continuada, construir uma relação entre cursistas e movimento social LGBT, aproveitando o conhecimento que esse mesmo movimento tem produzido sobre a realidade das experiências não-heterossexuais. A partir das relações cotidianas, as chamadas atividades vivenciais tinham o potencial de articular aulas expositivas, espaço escolar e possíveis ações interventivas.

Nessa primeira edição, 240 pessoas das redes municipais de ensino de Belo Horizonte e Contagem concluíram o curso de formação.

Nas edições subsequentes, reavaliando o alcance e objetivos da experiência passada, o ESH ampliou-se e, menos que um curso de formação restrito a dois municípios, constituiu-se como um plano de ações articuladas de

amplo alcance regional. A partir de 2010, além de Belo Horizonte e Contagem, as cidades de Betim, Santa Luzia, Ribeirão das Neves e Juiz de Fora também passaram a integrar o projeto. Por sua vez, em 2012, houve nova ampliação: o ESH passou a ser desenvolvido em municípios do Vale do Jequitinhonha, mais especificamente em Araçuaí, Jequitinhonha e Itaobim. Nesses quatro últimos anos, além da Secadi, o projeto também foi financiado com recursos da Secretaria de Educação Superior (Sesu), ambas vinculadas ao Ministério da Educação.

Além do novo dimensionamento geográfico, como plano de ações articuladas, no Projeto ESH eram integrados (I) a formação continuada de educadoras/es e gestoras/es em educação; (II) a produção de materiais didático-pedagógicos e paradidáticos, com formação para seu uso; (III) a sensibilização e informação de agentes da administração pública; (IV) a articulação de redes de cooperação e empoderamento envolvendo educadoras/es, universidades, militância e poder público.

Formação continuada:

A formação continuada pode ser dividida em três etapas inter-relacionadas: os encontros presenciais, as atividades vivenciais e o projeto de intervenção.

As metodologias dos **encontros presenciais** eram bastante variadas. Contávamos com aulas expositivas, oficinas, técnicas de dinâmica de grupos, rodas de conversa, teatros, debate de curtas e momentos de discussão e avaliação do curso de formação. Nesses encontros buscávamos discutir especialmente os seguintes tópicos:

- Diversidade sexual e direitos humanos – Momento em que os direitos sexuais foram tematizados como direitos humanos, evidenciando como questões primordialmente vivenciadas no âmbito privado passaram a fazer parte da vida política nas sociedades ocidentais.

- **Sexualidades:** histórias, normas, vivências e políticas – Módulo em que prevalecem abordagens históricas das sexualidades, demarcando as múltiplas possibilidades de expressões sexuais. Procurava-se dar visibilidade àquelas que, culturalmente, foram inferiorizadas e negadas pela heteronormatividade.
- **Heteronormatividade e homofobia:** análise social e instrumentalização para a intervenção educacional – Nesse tópico, a proposta foi traçar uma análise pormenorizada das manifestações homofóbicas e heteronormativas no cotidiano de nossas instituições (jurídicas, familiares, religiosas, midiáticas, etc.). Buscou-se refinar as capacidades de identificação, de análise e de reflexões acerca da homofobia e da heteronormatividade, de forma interindividual e institucional, a fim de possibilitar a construção e o desenvolvimento de intervenções mais eficazes sobre tais realidades.

Ainda que fundamental, em função de sua dinâmica, já na primeira edição do ESH, foi reconhecida que apenas a formação conceitual acerca do fenômeno da homofobia e sexismo era insuficiente para o seu enfrentamento. Diante disso, como proposta metodológica da formação, buscou-se desenvolver experiências com fim de extrapolar a aquisição conceitual e produzir um campo de reflexão acerca da sexualidade com base na experiência social construída e vivida pela militância e pela população LGBT – essas eram as chamadas **atividades vivenciais**.

As atividades vivenciais consistiam em ocasiões de interação pública entre cursistas do ESH e o movimento social LGBT, a partir das temáticas da diversidade sexual e do enfrentamento à homofobia. Elas se davam a partir de eventos e ações realizados pela militância LGBT mineira, pelo poder público ou pelo NUH. Nesse sentido, eram estimuladas visitas às sedes dos grupos do movimento LGBT, engajamento como voluntário/a em atividades propostas pela militância, participações em reuniões, seminários ou manifestações públicas.

Dentre o rol de atividades vivenciais possíveis, a equipe de coordenação do ESH destacava a importância da participação nas “Paradas do Orgulho

LGBT” e na “Caminhada das Lésbicas, Bissexuais e Simpatizantes”. Para tanto, mobilizavam-se as turmas, produzindo, progressivamente, situações que incentivassem os/as cursistas a fazer parte dessas manifestações públicas.

Assim, os/as educadores/as puderam socializar seus receios, expectativas e desenvolver estratégias coletivas para aderirem à nossa proposta de vivenciar as Paradas e a Caminhada. Uma dessas estratégias, por exemplo, foi a criação do “Bloco das Educadoras e Educadores Contra a Homofobia”, que saiu às ruas nas Paradas realizadas em Belo Horizonte, Contagem, Betim e em Juiz de Fora. No Vale do Jequitinhonha, o ESH participou na organização do I Seminário LGBT que já se encontra em sua quarta edição.

Essas estratégias foram importantes para que os/as cursistas se reconhecessem dentro do processo de mudança social e cultural, uma ação extremamente facilitada pela integração aos movimentos sociais e que, além disso, poderia gerar outras vantagens. Ao participar de ações que buscam a alteração do quadro de desigualdades, professores e professoras, gestores e gestoras poderiam se perceber como atores políticos dessa mudança e, conseqüentemente, incorporar esse papel em suas relações cotidianas a partir de atividades interventivas.

A intervenção era outro foco do processo de formação do ESH: uma das exigências do curso era a realização de atividades que visassem o enfrentamento à homofobia ou a promoção da diversidade sexual na escola e/ou local em que trabalhavam os cursistas. A proposta era que as intervenções produzissem questionamentos e propiciassem condições para a instituição escolar e seus atores refletirem sobre a homofobia e o sexismo cotidianos e invisíveis nesses espaços.

Contudo, apesar da importância e complexidade que lhe foi dado, o Educação Sem Homofobia não se restringiu ao processo de formação continuada. O curso era apenas uma das atividades do Projeto, que, com as articulações políticas iniciadas em 2007, fortaleceram-se nas edições subsequentes (2010 e 2012) e ensejaram uma série de novas ações.

Nos municípios da Região Metropolitana de Belo Horizonte, pode-se citar, por exemplo, a criação de um fórum de gestores/as para discutir e propor ações de enfrentamento à homofobia no contexto escolar; a aprovação de portarias que regulamentam o uso do nome social de travestis e transexuais na rede municipal de ensino; e a criação e fortalecimento de grupos de referências nas secretarias municipais para tratar de questões e situações de homofobia; a colaboração em audiências públicas no âmbito do poder legislativo, dentre outras.

À medida que o projeto ia sendo gerido, menos que um curso de formação, foi sendo construído um plano de ações articuladas entre universidade, cursistas, poder público e movimentos sociais, essas eram atividades que visavam tensionar politicamente os padrões de gênero e sexualidade.

Em 2010 e 2012, por exemplo, houve foco em promover debates públicos e ações em cada um dos municípios envolvidos. Essas atividades procuraram atentar-se para as questões que emergiram durante o curso de formação continuada, de maneira a oferecer condições para o diálogo e para a construção de iniciativas locais compartilhadas com a sociedade civil em geral. Entre essas ações, podemos elencar os Ciclos de Debates e as Mostras Audiovisuais “Diversidade em foco: outras sexualidades em cena” (2010) e “Todxs Diversxs” (2012), que procuraram construir espaços locais de discussão política sobre o enfrentamento à homofobia. Nessas atividades, procurou-se mobilizar diversos segmentos da sociedade civil, especialmente grupos de diferentes movimentos sociais; outras secretarias municipais, além das Secretarias de Educação; e pesquisadores/as de várias universidades brasileiras que têm problematizado questões de gênero e sexualidade na educação, segurança pública, saúde e assistência social.

Também foram realizadas reuniões periódicas com representantes das secretarias municipais – encontros especialmente construídos para o acompanhamento das iniciativas que foram desenvolvidas na cidade, como também para fomentar a participação e o diálogo de gestores públicos e

sociedade civil na implementação de novas políticas públicas e no fortalecimento de uma rede compromissada com o enfrentamento da homofobia e do sexismo.

De 2010 a 2012, com a criação do plano de ações articuladas, participaram diretamente do projeto cerca de 800 pessoas, em nove municípios mineiros. Isso sem mencionar os outros canais de interação criados pelo núcleo, que tiveram, nos três últimos anos, mais de 600 mil acessos. Esses recursos, criados a partir de plataformas virtuais existentes (*youtube* e *facebook*) e sites desenvolvidos especificamente para o acompanhamento de projetos (www.fafich.ufmg.br/nuh e www.fafich.ufmg.br/educacaoemhomofobia), constituem-se em importantes ferramentas para a difusão dos trabalhos e produções do NUH – acesse, confira e compartilhe.